

**“SE ELA TE MORDER E COMER TERRA VERMELHA VOCÊ MORRE NA HORA”:
DIALOGANDO COM OS SABERES SOBRE OS AMPHISBAENIA (SQUAMATA) EM
COMUNIDADES RURAIS DE BREJÕES E UBAÍRA, BA.**

**IF IT BITES YOU AND IT EATS RED EARTH, YOU ARE GOING TO DIE
INSTANTLY”: DIALOGUE WITH KNOWLEDGE ABOUT AMPHISBAENIA
(SQUAMATA) IN RURAL COMMUNITIES IN BREJÕES AND ABAIRA, BA.**

Submetido em: 21/05/2013.

Aprovado em: 12/07/2013.

Marcio Harrison dos Santos Ferreira¹

¹ Doutorando em Ciências (Botânica) pelo PPGBot-UEFS, Mestre em Ciências (Botânica) pelo PPGBot-UEFS. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano, *Campus Santa Inês*).

E-mail: marcio.harrison@gmail.com.

RESUMO

Os anfisbenídeos são répteis Squamata, popularmente conhecidos como cobra-de-duas-cabeças. Eles são comuns no meio rural, mas raramente avistados devido ao seu hábito fossorial. Objetivando avaliar as concepções dos moradores do meio rural sobre esses animais e promover uma ação educativa visando o diálogo de saberes (através de uma Pesquisa-ação) foram realizadas entrevistas semiestruturadas, entre Fevereiro e Maio de 2013, em 18 comunidades rurais dos Municípios de Brejões e Ubaíra, Bahia. Participaram 30 alunos do Curso Técnico em Agropecuária do Proeja, Pedagogia da Alternância, do IF Baiano (*Campus Santa Inês*, Turma 2012.2) e 101 indivíduos com idades entre sete e 85 anos e diferentes níveis de escolarização (83% com ensino básico incompleto e 17% não escolarizados). Dentre os resultados obtidos destaca-se: a) 97% afirmaram conhecer e o identificaram como “cobra-de-duas-cabeças”. b) Para a maioria dos entrevistados é um animal perigoso em razão da sua mordida, por este ser classificado como cobra e/ou por apresentar veneno. c) O período mais quente e chuvoso foi o mais citado pelos entrevistados para a época de ocorrência do animal. d) Preponderaram crenças como a de que a mordida desse animal possa causar a morte da “vítima” caso ela coma terra vermelha logo após o “ataque”. Esses animais ao serem considerados perigosos e/ou venenosos, tornam-se crescentemente vulneráveis à extinção uma vez que muitos dos entrevistados (>70%) afirmaram que o matariam caso o encontrassem. O estudo mostra que metodologias educacionais como a pesquisa-ação aplicada na educação do campo são relevantes para as práticas pedagógicas desenvolvidas nas comunidades.

Palavras-chave: Amphisbaenia. Etnobiologia. Educação do Campo. Pedagogia da Alternância. Cobra-de-duas-cabeças.

ABSTRACT

Amphisbaenids are fossorial Squamata reptiles popularly known as two-headed snakes, and they are common in rural environments but rarely seen due to their fossorial habits. Aiming at documenting rural workers' conceptions (folk knowledge) with regard to these animals, as well at promoting action research establishing a dialogue between popular and scientific knowledge, this study was carried out in 18 rural communities in the towns of Brejões and Ubaíra, located in Bahia, a state in Northeastern Brazil. Between February and May 2013, folk knowledge was investigated through semi-structured interviews with 131 individuals varying from 7 to 85 years of age and coming from various levels of education. Among the main results are the following: a) 97% of the individuals identified the animal as a two-headed snake; b) Most of the interviewers (over 80%) regarded it as a dangerous animal due their bite or classified it as a poisonous snake; c) About 70% of the interviewers said that they would kill this animal if they encountered it, thereby increasing its vulnerability status in conservation criteria; d) Most individuals identified the rainy and warm seasons like that of occurrence of this animal; e) It is a common belief that their bite can even lead to death if this "snake" eats red soil after the attack. Our study shows that educational methodologies like action research applied to rural education are relevant to the pedagogical practices which are used in such communities.

Keywords: Amphisbaenia. Ethnobiology. Rural Education. Alternance Pedagogy. Two-headed snake.

INTRODUÇÃO

Os Amphisbaenia Gray, 1844 são um grupo monofilético de répteis squamata escavadores e de corpo alongado e cilíndrico, com cerca de 190 espécies agrupadas em seis famílias (Vidal *et al.*, 2008). No Brasil são encontradas 68 espécies (Bérnils & Costa, 2012). Esses animais são comuns no meio rural, mas raramente vistos devido ao seu hábito fossorial (Baptista *et al.*, 2008, Mateus *et al.*, 2011).

A carência de conhecimentos que uma sociedade apresenta sobre uma determinada espécie pode impulsionar seu extermínio indiscriminado (Barbosa *et al.*, 2007, Baptista

et al., 2008, Moura *et al.*, 2010). O fato de serem animais relativamente crípticos, uma vez que habitam galerias escavadas no subsolo, também faz com que os Amphisbaenia sejam pouco discutidos em trabalhos de Etnoherpetologia (estudo da interação humana com os anfíbios e répteis), sendo que a maior parte desses estudos têm enfatizado as serpentes e largatos (Barbosa *et al.*, 2007, Moura *et al.*, 2010, e referências citadas). Por outro lado, até o momento, no Brasil, apenas os trabalhos de Baptista *et al.* (2008) e Mateus *et al.* (2011) discutiram aspectos da Etnozoologia dos Amphisbaenia.

O ensino de Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do meio rural é um campo a ser investigado já que esses conhecimentos têm muita proximidade com as questões do cotidiano desses alunos (e.g. Barbosa & Chagas, 2011). A EJA trabalha com sujeitos “marginais” ao sistema, com atributos e especificidades acentuados (Brasil, 2007), tornando-se importante investigar as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos:

[...] como produzem/produziram os conhecimentos que portam, suas lógicas, estratégias e táticas de resolver situações e enfrentar desafios; como articular os conhecimentos prévios produzidos no seu estar no mundo àqueles disseminados pela cultura escolar; como interagir, como sujeitos de conhecimento, com os sujeitos professores, nessa relação de múltiplos aprendizados (Brasil, 2007, pp.25-26).

Por outro lado, em função dessas especificidades dos sujeitos da EJA e dos princípios da política pública de integração do currículo do ensino médio com a educação profissional (Brasil, 2007), exige-se também incluir a pesquisa como ferramenta de ensino-aprendizagem:

[...] O quinto princípio define a pesquisa como fundamento da formação do sujeito contemplado nessa política, por compreendê-la como modo de produzir conhecimentos e fazer avançar a compreensão da realidade, além de contribuir para a construção da autonomia intelectual desses sujeitos/educandos (Brasil, 2007, p. 28).

O presente estudo foi idealizado com base em trabalhos como os de Baptista *et al.* (2008) e Baptista & El-Hani (2006), que propõem a inclusão dos conhecimentos prévios

dos alunos agricultores na sala de aula de Biologia, e também articulado aos princípios da Educação do Campo ao promover o diálogo e demarcação de saberes no ensino de Biologia e sua relação com a diversidade cultural. Os objetivos foram avaliar as concepções dos moradores do meio rural sobre os anfisbenídeos e promover uma ação educativa que contemplasse esses saberes locais e os conhecimentos prévios dos alunos de uma turma de Proeja, na modalidade da pedagogia da alternância, visando melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Este estudo foi parte de uma Pesquisa-ação (*sensu* Demo, 2003) abrangente em Etnobiologia e Ensino de Ciências, com abordagem qualitativa baseada em estudo de caso (Ludke & André, 1986, Baptista & El-Hani, 2006, Baptista *et al.*, 2008) e pautada em concepções dessa abordagem com algumas adaptações para as especificidades do contexto da Educação do Campo.

O trabalho foi realizado entre Fevereiro e Maio de 2013 com a participação de 30 alunos do Curso Técnico em Agropecuária do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade EJA (Proeja, Turma 2012.2), Pedagogia da Alternância, do IF Baiano (*Campus* Santa Inês) e 101 moradores de 18 comunidades rurais (Lagoa da Bananeira, Palmeiras, Sapucaia, Lagoa do Boi, Jenipapo, Santa Bárbara, Coruja, Tanjante, Recreio dos Viajantes, Serra do Teco, Pedrinhas, Pau Ferro, Vencedor, Oitis, Mamão do Mato, Purrão, Serra do Baltazar e Tamanduá) dos municípios de Brejões e Ubaíra, Bahia, nas quais residem os referidos alunos, totalizando 131 entrevistados. Todos os entrevistados trabalham(ram) em lavouras e estão, portanto, mais suscetíveis a encontros com os anfisbenídeos.

Para o levantamento das concepções prévias dos alunos e dos saberes populares dos entrevistados foram realizadas entrevistas aleatórias e a aplicação de um questionário

semiestruturado com base em um protocolo com questões relacionadas à percepção sobre a ecologia, a biologia e o comportamento dos anfisbenídeos. As entrevistas partiram da apresentação de uma fotografia (FIGURA 1) de *Amphisbaena alba* Linnaeus, 1758, objetivando não induzir qualquer resposta por parte dos entrevistados.



Figura 1 – Fotografia de uma cobra-de-duas-cabeças (*Amphisbaena alba* Linnaeus, 1758) apresentada durante as entrevistas semiestruturadas. Foto retirada do link <http://caio-animais-mundo.blogspot.com.br/2011/04/informacoens-da-cobra-de-duas-cabecas.html>.

Após a apresentação da fotografia, as seguintes questões lhes foram lançadas: 1 – Você conhece esse animal? 2 – Por que ele tem esse nome? 3 – Você já viu esse animal? 4 – Onde você viu esse animal? 5 – O que você sabe sobre esse animal? 6 – Com quem você aprendeu sobre esse animal? 7 – O que você sente quando vê esse animal? Por quê? 8 – O que você faz (fez) quando vê um animal desse tipo? Por quê? 9 – Esse animal causa algum mal? 10 – Onde esse animal vive? 11 – O que esse animal come? 12 – Você sabe se existe um macho e uma fêmea? 13 – Como é que esse animal se reproduz? 14 – Você sabe dizer se esse animal é importante para o meio ambiente? 15 – Você sabe contar alguma história, música ou lenda sobre esse animal?. As transcrições das entrevistas foram realizadas paralelamente às mesmas, sendo que as falas foram escutadas e passadas integralmente para um editor de texto

(Microsoft Word®) ou ainda transcritas para o papel. Com o intuito de garantir a privacidade, foram atribuídos códigos para a identificação dos sujeitos. Com os dados das entrevistas, procedeu-se a promoção do diálogo de saberes (populares e científicos) através do uso de “Tabelas de Cognição Comparada” (*sensu* Marques, 2001), onde trechos das entrevistas foram relacionados com citações em livros didáticos de Biologia (e.g. Pough *et al.*, 2008). Ressalta-se que o objetivo de tal procedimento não foi a hierarquização das formas de conhecimento envolvidas, mas “a delimitação dos domínios de aplicação dos conhecimentos prévios e dos conhecimentos científicos escolares” (Cobern, 1996, *apud* Baptista *et al.* 2008, p. 7) sobre os anfisbenídeos que possibilitem o diálogo de saberes no ensino de Biologia.

A socialização dos trabalhos feitos pelas diferentes equipes da turma do referido Proeja em suas comunidades de origem também visou a promoção do diálogo de saberes sobre os anfisbenídeos e deu-se na forma de seminário interativo (*cf.* detalhes desse tipo de ação educativa em Moreira & Ferreira, 2011), o que também será oportunamente ofertado às comunidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os entrevistados, 55% são do sexo masculino e 45% do sexo feminino, com idade variando entre sete e 85 anos (TABELA 1), diferentes níveis de escolarização (17% não escolarizados, 67% com ensino básico incompleto e 16% com ensino médio completo) e 94% residem desde o nascimento nas comunidades de origem. Os resultados indicam que os entrevistados detêm um corpo de saberes e práticas sobre os anfisbenídeos que está alicerçado no convívio com os seus familiares, no conhecimento transmitido pelos mais velhos e também nas suas práticas no trabalho no campo. Curiosamente, não verificou-se diferença significativa entre o nível de conhecimento dos alunos do Proeja e dos demais entrevistados, possivelmente devido ao fato de que ambos residem nas mesmas comunidades e, portanto, espera-se um maior intercâmbio

e homogeneidade de saberes, inclusive pela proximidade entre as comunidades. Assim, os resultados são aqui apresentados conjuntamente.

Com relação à faixa etária, os indivíduos acima dos 20 anos apresentaram um maior repertório de saberes (TABELA 1), o que provavelmente reflete um maior tempo de convivência com os anfisbenídeos e com os saberes sobre os mesmos, e/ou ainda um maior nível de escolaridade. Por outro lado, também pode ser um indício da “erosão” desses saberes entre os mais jovens, o que merece estudos adicionais.

TABELA 1 - Distribuição dos entrevistados (n=131) por faixa etária com o número médio de questões respondidas (entre as quinze propostas) em entrevistas semiestruturadas entre Fevereiro e Maio de 2013.

Faixa etária	Nº entrevistados	Número médio de questões respondidas
Até 10	8	7
11-20	13	8
21-30	26	12
31-40	6	11
41-60	51	12
61-90	27	12

Quando questionados sobre a identidade do animal na fotografia 97% afirmaram ser uma cobra-de-duas-cabeças. Outro nome alternativo foi o de “cobra-cega” (3% dos entrevistados). As fontes do saber sobre esses répteis (Questão 6), são exemplificadas nas falas: “[...] eu ouvia os meus avós falarem. Chama cobra-de-duas-cabeça” (E12 – Recreio dos Viajantes); “[...] com pessoas aqui da comunidade que relata sobre a cobra e por ter visto ela várias vezes principalmente no inverno” (E23 – Fazenda Vencedor); “[...] na plantação e a gente viu ela” (E78 – Faz. Purrão); “[...] já vi no quintal da casa [...] aprendi com mainha e na escola” (E79 – Faz. Purrão). Para Aikenhead (1996) *apud* Baptista *et al.* (2008), os conhecimentos que as pessoas possuem sobre a natureza são

fortemente influenciados pelos contextos culturais nos quais estão inseridas e integram as suas visões de mundo, fato que corrobora os resultados aqui encontrados.

Todos os entrevistados o identificaram como cobra ou serpente e geralmente nomearam esses animais de “cobra-de-duas-cabeças” por acreditarem na existência de duas cabeças na extremidade do corpo desses répteis (Questões 1 e 2): “Porque tem uma cabeça em cada ponta. Na verdade nunca tive coragem de olhar direito” (E12); “Sim, porque uma parte é a cabeça e a outra serve para furar a terra” (E78); “[...] as cabeças são iguais nas duas pontas” (E43 – Faz. Pedrinhas). Muitos indivíduos (70%) afirmaram sentir aversão/repulsa pelos anfisbenídeos (Questões 5, 7 e 8), pois acreditam que eles são perigosos, possuem “veneno” (peçonha) e por tal motivo devem matá-los: “Eu sei que ele é um animal muito perigoso” (E41 – Faz. Palmeiras); “Vejo sempre na zona rural [...] sei que a mordida dela é bastante dolorida” (E40 – Faz. Palmeiras); “Mato com medo dela morder” (E37 – Ass. P.P.R.B.N. Terra); “[...] tem duas cabeças mas na verdade é uma cabeça e um ferrão [...] sinto medo, espanto e susto [...] mato, causa muito medo pelo motivo de ter ou não veneno [...] é perigoso mas não tanto como cascavel, coral” (E28 – Serra do Baltazar); “[...] mato porque se ela morder e depois comer terra vermelha você morre na hora” (E18 – Santa Bárbara). Dados semelhantes foram registrados por Navega-Gonçalves (2004) *apud* Baptista *et al.* (2008, p. 8) apontando como consequência dessa crença a agressão e morte indiscriminada desses animais fossoriais e também determinadas ações do homem sobre esses répteis que podem levá-los à redução ou a extinção. Esses resultados também foram relatados para a Bahia (Baptista *et al.*, 2008) e Minas Gerais (Mateus *et al.*, 2011).

Diante dessas concepções/saberes tornam-se imprescindíveis ações de educação ambiental no campo visando a proteção desses e outros animais tidos “erroneamente” como perigosos/venenosos, mas que na realidade não apresentam peçonha ou outros riscos para a saúde humana (*e.g.* Lopes & Rosso, 2005, Pough *et al.*, 2008). Por outro lado, alguns entrevistados demonstraram preocupação com a extinção desses animais

e com sua importância para a manutenção do equilíbrio ecológico: “[...] mas sei que ele é benéfico para a terra” (E79); “Na verdade só faz mal quando se sente ameaçado” (E11 – Faz. Tamanduá); “[...] todas as espécies são importantes para o meio ambiente, cada uma tem sua função” (E23); “[...] porque combate certos tipos de animais ou insetos que prejudica na lavoura” (E27 – Faz. Serra do Baltazar). Essas concepções prévias devem ser consideradas em ações educativas, sobretudo com alunos oriundos de comunidades rurais, onde o contato com esses animais é mais frequente.

Outras concepções obtidas em trechos de entrevistas foram comparadas com citações em livros didáticos (TABELA 2) e revelaram que muitos desses saberes apresentam semelhanças com as informações contidas nesses livros. Essas relações de semelhanças por serem autoexplicativas não serão aqui discutidas exaustivamente.

TABELA 2 - Tabela de cognição comparada (*sensu* Marques, 2001) para promoção do diálogo entre trechos de entrevistas sobre os anfisbenídeos e informações contidas na literatura.

Saberes (conhecimentos prévios)	Citações nos livros didáticos
“Nóis chama de cobra-de-duas-cabeça” (E40); “[...] porque o rabo tem o formato de uma cabeça” (E81 – Lagoa da Bananeira)	“São popularmente chamados de cobra-de-duas-cabeças [...]” (Lopes & Rosso, 2005, p.364).
“[...] mas quando tá acuada junta a cabeça com o rabo.” (E28); “Os mais velhos diz que é perigoso porque tem veneno [...] tem boca dos dois lado.”(E31)	“[...] levanta ao mesmo tempo a cabeça e a cauda, mantendo a boca aberta numa posição de defesa.” (Valverde & Ferreira, 2005 <i>apud</i> Mateus <i>et al.</i> , 2011)
“[...] elas põe ovo [...] É como as outra cobra tem um macho e uma fêmea” (E61 – Faz. Vencedor); “nunca vi mas acho que bota o ovo embaixo da terra” (E90 – Serra do Baltazar)	“[...] são animais geralmente ovíparos: as fêmeas fecundadas põem ovos e os embriões se desenvolvem dentro dele e fora do corpo materno” (Paulino, 2000, p. 229)
“[...] mora dentro da terra” (E41); “[...] ela vive no subsolo” (E40); “Quando ela vai passando faz rachadura no chão” (E03 – Sapucaia); “fala que ela é cega, mas advinha a chuva.” (E23)	“[...] com olhos vestigiais [...] Durante a estação chuvosa as galerias tornam-se inundadas e esses animais emergem do substrato para a superfície com maior frequência.” (Pough <i>et al.</i> , 2008)
“Se picado for não deixe ela comer terra vermelha, mate antes” (E05 – Sapucaia); “[...] mato porque se ela morder e depois comer terra vermelha você morre na hora” (E18)	Não foi encontrado registro na literatura.
“Uma pessoa da minha família foi picada por esse animal e deu trabalho para fazer ele se soltar” (E32 – Faz. Lagoa do Boi); “[...] disse que quando morde	“Estes animais são totalmente desprovidos de veneno, embora possam causar ferimentos traumáticos importantes, pois mordem com muita

é difícil de soltar da pessoa” (E23)

força.” (Puorto & França, 2003 *apud* Mateus *et al.*, 2011)

“[...] que quando este animal pica, a pessoa tem que comer um pouco de terra de formigueiro antes do animal [...] porque senão não haverá cura para a picada” (E81)

Não foi encontrado registro na literatura.

Ressalte-se ainda que na fala de alguns entrevistados percebe-se insegurança quanto à presença de “veneno” (peçonha) no animal e malefícios que possa causar ao homem. Além disso, os saberes sobre a periculosidade desses animais foram transmitidos pelos seus pais e antepassados e até o momento não tiveram oportunidades para argumentações científicas acerca do modo de vida desses animais. Torna-se importante destacar o papel da escola e, sobretudo, o do ensino de Biologia viabilizando uma reflexão nos estudantes sobre as diferentes explicações sobre a natureza. De acordo com Delizoicov *et al.* (2003), permitir que a visão de mundo dos estudantes possa aflorar na sala de aula, dando possibilidade de que eles percebam as diferenças estruturais, tanto de procedimentos como de conceitos, pode proporcionar a retroalimentação entre as diferentes formas de conhecimento que possuem.

Quase metade dos entrevistados (47%) apontou o período mais quente e chuvoso como a época do ano em que esses animais são mais facilmente encontrados. Esses achados também são corroborados pelo trabalho de Mateus *et al.* (2011) no Povoado de Itatiaia, MG, e provavelmente refletem o fato de que durante a estação chuvosa as galerias tornam-se inundadas e esses animais emergem do substrato para a superfície com maior frequência (*e.g.* Pough *et al.*, 2008). Além disso, estes períodos quentes e chuvosos coincidem na região do Vale do Jiquiriça (BA) e são corroborados pela literatura específica sobre a reprodução de espécies de anfisbenídeos (*e.g.* Andrade *et al.*, 2006).

Nossa pesquisa indicou, ainda, que houve uma profícua troca de saberes entre educandos e educador por meio da Pesquisa-ação vivenciada durante a alternância pedagógica quando da realização do seminário interativo (*sensu* Moreira & Ferreira,

2011) para socialização dos trabalhos com os saberes “triados” nas comunidades. Entretanto, essa troca parece ocorrer de forma mais acentuada em algumas disciplinas do que em outras, segundo percebem e comentam os próprios alunos (M.H.S. Ferreira, obs. pess.) e isso também é corroborado por pesquisas em outros contextos rurais (e.g. Silva, 2011), trazendo algumas reflexões importantes no âmbito da modalidade alternância de alguns Proeja voltados a alunos de comunidades rurais ou tradicionais. Como ressalta Silva (2011):

O fato de que alguns professores compreendem os períodos de tempo comunidade como infrutíferos - pois que poderiam estar trabalhando seus conteúdos se os estudantes estivessem o tempo inteiro na escola, evidencia uma mentalidade que impede o docente de aproveitar o potencial da pesquisa-ação no tempo comunidade, que acaba se tornando uma mera oportunidade para o estudante retornar ao seio comunitário e tratar de trabalhos familiares. Nessa situação, o que deveria ser um curso por alternância acaba se tornando um curso intervalar. Estes posicionamentos, mesmos que minoritários no que revelou a pesquisa, nos parece herança de uma educação conservadora e tecnicista [...] Somente em 2003 o IFPA – *Campus* Castanhal iniciou um debate mais institucional sobre a perspectiva de mudança curricular, orientando-se pelos princípios da Educação do Campo e de uma pedagogia crítica (Silva, 2011, p. 31).

O ensino de Biologia na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sobretudo em cursos técnicos onde essa disciplina exerce maior importância e impacto para a formação discente, como o nosso Curso Técnico em Agropecuária, é um campo ainda a ser mais explorado. Ressalte-se que o presente trabalho foi aplicado a alunos em fase inicial do curso ao longo do módulo/eixo temático “Cultura” e, a partir das intervenções empreendidas através da Pesquisa-ação e das nossas análises, percebemos que esses alunos se mostraram mais motivados no processo de aprendizado dos conteúdos da disciplina, sobretudo porque os temas elencados e que vem sendo tratados nesse módulo se articulam com questões do seu cotidiano, do seu contexto de vida, e incluem a apreciação de seus saberes e os de seus pares em suas comunidades de origem. Além disso, verificou-se que, apesar da motivação dos alunos, estes indicaram a necessidades de situações de caráter prático durante as aulas da disciplina. Essas percepções também foram discutidas no trabalho de Barbosa & Chagas (2011) que

ressaltam ainda que alguns fatores relacionados às dificuldades de aprendizagem da Biologia na EJA precisam ser mais bem estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas ações educativas com a Pesquisa-ação em Etnobiologia e Ensino de Biologia junto ao Proeja Alternância o IF Baiano têm sido norteadas pelos princípios da Educação do Campo, sobretudo pela valorização dos saberes populares dos alunos e de outros sujeitos das comunidades rurais na qual convivem. Foram identificadas concepções prévias sobre os anfisbenídeos que dialogam com os conhecimentos contidos nos livros didáticos de biologia, entretanto esses livros apresentam erros conceituais que necessitam ser ressignificados cientificamente para o contexto escolar para serem trabalhados em sala de aula com os estudantes. Nesse sentido, pretende-se, no âmbito do Proeja Alternância, elaborar um material didático que contemple esses saberes e também propor estratégias de ensino que permitam aos professores de ciências e de biologia das escolas rurais das comunidades envolvidas ações pedagógicas pautadas no diálogo cultural com as ciências. Essas intervenções poderão ampliar as visões da natureza no tocante à biologia desses répteis (e de outros animais), possibilitando aos indivíduos refletirem sobre suas crenças e práticas e as aplicações destas no seu contexto de vida.

AGRADECIMENTOS

A Nelson Vieira da Silva Filho (Diretor geral do *Campus*) e Merilande de Oliveira Soares Eloi, Douriene Lima Fraga Amorim e Rosângela Lima de Neves Rodrigues pelo apoio pedagógico e inúmeras facilidades ao desenvolvimento dessa Pesquisa-ação no âmbito do Proeja Alternância do IF Baiano, *Campus* Santa Inês. A Eleomarques Ferreira Rocha (professor do *Campus*) pela revisão do abstract em inglês. A um revisor anônimo pelas valiosas sugestões ao manuscrito. Aos alunos do Proeja (Turma 2012.2),

especialmente àqueles que conduziram a liderança dos trabalhos nas diferentes equipes durante o tempo comunidade do Curso. Finalmente, aos moradores das comunidades pela acolhida, por dividir conosco seus saberes e pelo empenho de seu tempo no atendimento aos nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, D. V.; Nascimento, L. B.; Abe, A. S. 2006. Habits hidden underground: a review on the reproduction of the *Amphisbaenia* with notes on four neotropical species. **Amphibia-Reptilia**, v. 27, p. 207-217.

Baptista, G. C. S., El-Hani, C. N. 2006. Investigação etnobiológica e ensino de biologia: uma experiência de inclusão do conhecimento de alunos agricultores na sala de aula de biologia. In: Teixeira, P. M. M. (Org.): **Ensino de ciências: pesquisas e reflexões**, pp. 84-96. Ribeirão Preto: Ed. Holos.

Baptista, G. C. S.; Costa-Neto, E. M.; Valverde, M. C. C. 2008. Diálogo entre concepções prévias dos estudantes e conhecimento científico escolar: relações sobre os *Amphisbaenia*. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 47, p. 1-16.

Barbosa, A.R.; Nishida, A.K.; Costa, E.S.; Cazé, A.L.R. 2007. Abordagem etnoherpetológica de São José da Mata – Paraíba – Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, vol. 7, n. 2, p. 117-123.

Barbosa, J. S.; Chagas, P. C. M. 2011. Concepções dos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre a disciplina de Biologia. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Campinas: ABRAPEC, p. 810-823.

Bérnils, R. S.; Costa, H. C. 2012. **Brazilian reptiles – List of species (2012.2)**. Disponível em: <<http://www.sbherpetologia.org.br>>. Acesso em: 14/06/2013.

Brasil, 2007. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Ministério da Educação. **Documento base do PROEJA**. Brasília: Ministério da Educação.

Delizoikov, D.; Angotti, J. A.; Pernambuco, M. M. 2003. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez.

Demo, P. 2003. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados.

Lopes, S.; Rosso, S. 2005. **Biologia, vol. único**. São Paulo: Saraiva

Ludke, M.; André, M. E. D. A. 1986. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.

Marques, J. G. W. 2001. **Pescando pescadores**. 2.^a Ed. São Paulo: NUPAUBUSP.

Mateus, M. B., Pinto, L. C. L., Moura, M. R., Pires, M. R. S. 2011. A cobra-de-duas-cabeças na percepção dos moradores do povoado de Itatiaia, Minas Gerais. **Biotemas**, vol. 24, n. 3, p. 111-117.

Moreira, A. F.; Ferreira, L. A. G. 2011. Abordagem temática e contextos de vida em uma prática educativa em Ciências e Biologia na EJA. **Ciência e Educação**, v. 17, n.3, p. 603-624.

Moura, M. R.; Costa, H. C.; São-Pedro, V. A.; Fernandes, V. D.; Feio, R. N. 2010. O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**, vol. 10, n. 4, p. 133-142.

Paulino, W. R. 2000. **Biologia**, vol. único. São Paulo: Ed. Ática.

Pough, F. H.; Janis, C. M.; Heiser, J. B. 2008. **A Vida dos Vertebrados**. São Paulo: Ed. Atheneu.

Silva, J. E. M. 2011. “**Nós tamo aprendendo com eles, eles tão aprendendo com a gente**”: a troca de saberes vivenciados na turma Proeja Quilombola - IFPA **Campus Castanhal**. TCC de Especialização em Educação para as Relações Etnicorraciais do IFPA (*Campus Castanhal*). Castanhal: IFPA, 36p.

Vidal, N.; Azvolinsky, A.; Cruaud, C.; Hedges, S. B. 2008. Origin of tropical American burrowing reptiles by transatlantic rafting. **Biology Letters**, v. 4, n. 1, p. 115-118.